

AS DOUTRINAS DA SUBSEQUÊNCIA E DA EVIDÊNCIA DO BATISMO NO ESPÍRITO SANTO NO MOVIMENTO PENTECOSTAL ASSEMBLEIANO: PROPOSTA DE UMA REVISÃO DE LITERATURA

Fábio Augusto Darius¹
Érico Tadeu Xavier²

Resumo

Este artigo investiga as doutrinas da subsequência e da evidência inicial do batismo no Espírito Santo no contexto do movimento pentecostal, com ênfase na tradição assembleiana. A pesquisa tem como objetivo analisar a fundamentação exegética e histórica dessas doutrinas, buscando compreender seus desdobramentos teológicos e sua influência na identidade pentecostal. A metodologia adotada consiste em uma revisão bibliográfica, que examina passagens bíblicas centrais como Atos 2, 8, 10 e 19, além de documentos doutrinários das Assembleias de Deus e literatura acadêmica especializada. A análise evidenciou que a doutrina da subsequência enfatiza a capacitação para o serviço cristão e a manifestação sobrenatural do Espírito, enquanto a evidência inicial do falar em línguas tem desempenhado um papel central na consolidação da experiência espiritual e no crescimento do movimento pentecostal. Conclui-se que essas doutrinas foram determinantes para a expansão global do pentecostalismo e para o fortalecimento da identidade assembleiana.

Palavras-chave: Batismo no Espírito Santo; subsequência; Pentecostalismo assembleiano.

Editores científicos: **Flavio Prestes Neto e Eduardo Rueda Neto**

Organização: Comitê Científico

Double Blind Review pelo SEER/OJS

Recebido: 09/12/2024

Aprovado: 07/03/2025

Como citar: DARIUS, F. A.; XAVIER, E. T. As doutrinas da subsequência e da evidência do batismo no Espírito Santo no movimento pentecostal assembleiano: proposta de uma revisão de literatura. **Kerygma**, Engenheiro Coelho, v. 20, n. 1, p. 01-26, e1668, 2025. DOI: <https://10.19141/1809-2454.kerygma.v20.n1.pe1668>

¹ Doutor e mestre em Teologia pela Escola Superior de Teologia de São Leopoldo, RS; graduado em História pela Universidade Regional de Blumenau e em Teologia pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo, campus Engenheiro Coelho, onde atua como professor de Teologia. E-mail: fabio.darius@unasp.edu.br.

² Doutor em Ciências da Religião pela Atlantic International University e em Teologia pelo South African Theological Seminary. Atua como professor de Teologia na Faculdade Adventista do Paraná (FAP), Ivatuba, PR. E-mail: etxacademico@gmail.com.



THE DOCTRINES OF SUBSEQUENCE AND EVIDENCE OF THE BAPTISM IN THE HOLY SPIRIT IN THE ASSEMBLIES OF GOD PENTECOSTAL MOVEMENT: A PROPOSAL FOR A LITERATURE REVIEW

Abstract

This article investigates the doctrines of subsequence and initial evidence of Spirit baptism within the Pentecostal movement, with a particular emphasis on the Assemblies of God tradition. The research aims to analyze the exegetical and historical foundations of these doctrines, seeking to understand their theological implications and their influence on Pentecostal identity. The methodology adopted consists of a bibliographic review, examining key biblical passages such as Acts 2, 8, 10, and 19, as well as doctrinal documents from the Assemblies of God and specialized academic literature. The analysis revealed that the doctrine of subsequence emphasizes empowerment for Christian service and the supernatural manifestation of the Spirit, while the initial evidence of speaking in tongues has played a central role in consolidating spiritual experience and fostering the growth of the Pentecostal movement. It is concluded that these doctrines have been decisive in the global expansion of Pentecostalism and the strengthening of the Assemblies of God identity.

Keywords: Baptism in the Holy Spirit; subsequence; Assemblies of God.

LAS DOCTRINAS DE LA SUBSECUENCIA Y LA EVIDENCIA DEL BAUTISMO EN EL ESPÍRITU SANTO EN EL MOVIMIENTO PENTECOSTAL DE LAS ASAMBLEAS DE DIOS: UNA PROPUESTA DE REVISIÓN DE LITERATURA

Resumen

Este artículo investiga las doctrinas de la subsecuencia y de la evidencia inicial del bautismo en el Espíritu dentro del movimiento pentecostal, con un énfasis particular en la tradición de las Asambleas de Dios. La investigación tiene como objetivo analizar los fundamentos exegéticos e históricos de estas doctrinas, buscando comprender sus implicaciones teológicas y su influencia en la identidad pentecostal. La metodología adoptada consiste en una revisión bibliográfica, examinando pasajes bíblicos clave como Hechos 2, 8, 10 y 19, así como documentos doctrinales de las Asambleas de Dios y literatura académica especializada. El análisis reveló que la doctrina de la subsecuencia enfatiza el empoderamiento para el servicio cristiano y la manifestación sobrenatural del Espíritu, mientras que la evidencia inicial del hablar en lenguas ha desempeñado un papel central en la consolidación de la experiencia espiritual y el fomento del crecimiento del movimiento pentecostal. Se concluye que estas doctrinas han sido decisivas en la expansión global del pentecostalismo y en el fortalecimiento de la identidad de las Asambleas de Dios.

Palabras clave: Bautismo en el Espíritu Santo; subsecuencia; Asambleas de Dios.



INTRODUÇÃO

O pentecostalismo, enquanto movimento religioso de crescente relevância mundial, ocupa um papel de destaque no cristianismo contemporâneo, caracterizando-se pela ênfase em experiências espirituais dinâmicas e práticas distintivas. No cerne desse movimento estão as doutrinas da subsequência e da evidência inicial do batismo no Espírito Santo, conceitos centrais para a identidade pentecostal, especialmente no contexto assembleiano. Essas doutrinas, enraizadas em interpretações exegéticas do livro de Atos dos Apóstolos, sustentam que o batismo no Espírito Santo é uma experiência distinta e subsequente à conversão, acompanhada pelo falar em línguas como manifestação visível e imediata dessa experiência espiritual.

A subsequência, entendida como uma etapa posterior ao novo nascimento, reflete a percepção de que o Espírito Santo age em diferentes momentos na vida do crente, não apenas para regeneração, mas também para capacitação espiritual e ministerial. A evidência inicial, por sua vez, refere-se ao falar em línguas como sinal físico inconfundível do batismo no Espírito, um marco que consolida a experiência espiritual e reforça a comunhão do fiel com Deus. No contexto assembleiano, essas doutrinas não são apenas fundamentos teológicos, mas também expressões práticas de fé que moldam a vivência religiosa, a liturgia e a missão da igreja.

A relevância dessas doutrinas transcende as fronteiras eclesiais e históricas, oferecendo uma compreensão mais ampla das experiências pentecostais, que têm impactado profundamente o cenário religioso global desde o início do século 20. O pentecostalismo, como movimento derivado dos avivamentos da Rua Azusa e das influências europeias do metodismo e do movimento de santidade, trouxe à tona uma nova dimensão de espiritualidade carismática. No Brasil, a chegada dos missionários Gunnar Vingren e Daniel Berg, em 1911, consolidou o pentecostalismo assembleiano como a maior expressão evangélica do país, destacando a importância do batismo no Espírito Santo e do falar em línguas para a identidade e o crescimento da igreja.

Este estudo busca explorar as bases bíblicas e históricas que sustentam as doutrinas da subsequência e da evidência inicial, analisando seus desdobramentos teológicos, missionários e práticos no contexto assembleiano. Ao investigar passagens como Atos 2, 8, 10 e 19, bem como os movimentos históricos que



influenciaram o pentecostalismo brasileiro, o artigo propõe uma análise crítica e sistemática dessas doutrinas, considerando seu papel na formação da identidade pentecostal e na expansão do movimento.

A SUBSEQUÊNCIA NO LIVRO DE ATOS

A doutrina da subsequência tem sua base exegética especialmente nos escritos de Lucas em Atos, embora textos paulinos também sejam utilizados como fundamento para reforçar as ações do Espírito Santo na vida dos crentes. Também se fundamenta no batismo de Jesus e em seu posterior batismo no Jordão como evidência de que a obra do Espírito Santo é dupla no crente, como afirma MacDonald (1964, p. 26): “Se houve duas operações do Espírito na vida de Jesus, uma para trazê-lo à luz, outra para equipá-lo para o serviço, não pode igualmente verdadeiro que há uma obra dupla do Espírito na vida daqueles que ‘creem em Jesus’?”

Para a Assembleia de Deus, a passagem bíblica que relata o batismo de Jesus (Mc 1:9-11) alude a uma experiência inicial e posterior com o Espírito Santo. Mas é no livro de Atos que os assembleianos encontram a principal fonte que fundamenta a crença na subsequência do batismo no Espírito Santo. Os registros lucanos são considerados essenciais para a compreensão da ação posterior do Espírito Santo na vida do crente convertido.

Os pentecostais em geral, e em especial os da Assembleia de Deus, compreendem que Lucas registrou, em Atos, fatos que comprovam a doutrina da subsequência, e a consideram incontestável. Segundo a compreensão pentecostal, o batismo nas águas, realizado como expressão de fé, é visto como parte essencial do processo de salvação e constitui o pré-requisito para se receber o batismo com o Espírito Santo. O batismo com o Espírito Santo foi demonstrado por Lucas como uma bênção subsequente a todos os que creram, uma promessa para todos “quantos o Senhor, nosso Deus, chamar” (At 2:39).

Essa percepção sobre o batismo no Espírito Santo está presente nos artigos 7 e 8 da “Declaração de Verdades Fundamentais do Conselho Geral das Assembleias de Deus”, cujo texto é citado por McAlister (2018, p. 1): “Todos os crentes têm o direito e devem ardentemente esperar e sinceramente buscar a promessa do Pai, o batismo no Espírito Santo e com fogo, segundo a ordem do nosso Senhor Jesus Cristo. Essa era a experiência normal de todos na igreja cristã primitiva.” Segundo esse texto, o



batismo no Espírito Santo capacita para a vida e o serviço, proporcionando dons para serem usados no trabalho do ministério. E essa experiência se distingue e é subsequente ao novo nascimento.

McGee (2017, p. 275) acrescenta que, em comparação com o evangelicalismo, que equipara a experiência do batismo no Espírito Santo com a conversão, destacando ser essa experiência o marco da entrada dos cristãos na nova aliança, os pentecostais defendem que a experiência do batismo pelo Espírito é distinta da conversão, colocando o cristão numa nova dimensão de poder que o capacita para o serviço.

Explicando a doutrina pentecostal e essa visão assembleiana, Gonçalves (2018, p. 1) afirma que o batismo com o Espírito Santo é considerado uma experiência definitiva que ocorre após a salvação e que tem a finalidade de “ungir o crente e conceder poder para o serviço”. No relato bíblico, o Espírito cai sobre, vem ou é derramado sobre o crente, de maneira repentina e sobrenatural. Enquanto os cristãos tradicionais entendem que o Espírito Santo é recebido na experiência da regeneração, de modo inseparável, ligando os crentes ao corpo de Cristo, os pentecostais afirmam que as experiências são separadas e que, não raro, o batismo com o Espírito Santo é posterior, subsequente à conversão, como evidenciariam os relatos do livro de Atos, de que os que receberam o batismo com o Espírito Santo já eram crentes e viviam em novidade de vida com Cristo antes dessa experiência.

Conforme Bruner (1986, p. 50), os pentecostais creem que o Espírito Santo batiza todos os crentes na conversão, mas que Cristo não batizou todos os crentes no Espírito Santo. Para eles, esse batismo no Espírito Santo é um evento distinto e subsequente ao novo nascimento, marcado por um sinal característico – o falar em línguas – e deve ser buscado pelo crente. Para sustentar essa compreensão, baseiam-se no livro de Atos como suporte para a doutrina da subsequência. O livro de Atos é utilizado como modelo para a hermenêutica do crente pentecostal típico, que Menzies (2016, p. 22) considera como direta e simples quando se trata da compreensão do derramamento do Espírito Santo e de sua atuação nos crentes.

Em Atos 2:4 encontra-se a base principal para pentecostais e carismáticos entenderem a doutrina da subsequência, uma vez que, no evento de Pentecostes, os crentes receberam o Espírito Santo, em sentido restrito, ou seja, já criam em Cristo e haviam passado pelo batismo nas águas; então, foram imersos de modo



sobrenatural no poder do Espírito de Cristo. Portanto, a salvação pode ser recebida em um momento e o batismo do Espírito ocorrer em momento posterior (MacArthur, 1992).

Menzies (2016, p. 38) declara a importância do livro de Atos como base exegética dessa doutrina, afirmando:

É exatamente aqui, em Lucas-Atos, que encontramos a mensagem central e distintiva do movimento pentecostal. Desde os primeiros dias do atual avivamento pentecostal, os pentecostais têm proclamado que todos os cristãos podem e devem experimentar o batismo no Espírito Santo “distinto e posterior à experiência do novo nascimento”.

Considerando os fundamentos pentecostais para a doutrina da subsequência, a experiência posterior do batismo com o Espírito Santo é apresentada em alguns textos do livro de Atos dos Apóstolos, como abordamos a seguir.

A experiência do Pentecostes, em que estavam reunidos 120 discípulos, é a base para a doutrina da subsequência, pois, embora já fossem convertidos, ainda não haviam sido batizados no Espírito Santo. No versículo 4, Lucas relata que os 120 seguidores de Jesus, que já haviam passado pela experiência da conversão, foram, então, “cheios do Espírito Santo”. Tal evidência é corroborada por MacDonald (1964, p. 42), o qual afirma a condição em que os 120 se encontravam ao descer sobre eles a promessa de Cristo:

Há farta evidência de que os discípulos que receberam o Espírito no Pentecostes já estavam num estado salvo [...]. Pode-se pensar quase qualquer coisa acerca disso, mas a evidência mostra que os discípulos não eram do mundo, assim como Cristo não era do mundo (Jo 17:14). Seus nomes estavam escritos nos Céus (Lc 10:20). Estavam espiritualmente limpos (Jo 15:3), e Jesus reconheceu que estavam unidos a ele assim como um ramo está unido à videira (Jo 15:4-5). Mesmo assim, não tinham recebido o batismo no Espírito Santo.

Essa recepção plena do Espírito Santo por ocasião do Pentecostes é compreendida pelos pentecostais como um precedente para que os cristãos tenham, igualmente, uma experiência subsequente ao batismo do novo nascimento, ou conversão — uma experiência posterior e distinta.

Após a descida do Espírito Santo sobre os 120 discípulos, Pedro fez um discurso aos que estavam no local e que haviam presenciado o fenômeno e, como resultado,



três mil pessoas aceitaram a mensagem do evangelho e foram batizadas. É comum entre os pentecostais a crença de que essa passagem de Pedro condiciona o recebimento do Espírito Santo a três requisitos: arrependimento, batismo nas águas e batismo no Espírito Santo. A sequência, ou ordem, utilizada por Pedro aos conversos de Pentecostes: 1) arrependei-vos, (2) sede batizados e (3) recebereis o dom do Espírito Santo, tem sido interpretada por alguns teólogos como uma necessidade a ser cumprida na vida de todos os cristãos. Segundo Endruveit (1977, p. 10) , os pentecostais acreditam que, na conversão, “o cristão é batizado em Cristo. Subsequente a sua conversão o cristão recebe plenamente o Espírito Santo”. A sequência de Atos 2:38 é, para os pentecostais,

uma sequência moral, com o imperativo explícito no sentido de, após o arrependimento e o batismo em Cristo, prosseguir com a obediência e a apropriação do Espírito. Depois do perdão em Cristo (At 2:38a), segundo insistem com base nesse texto, vem a plenitude no Espírito (At 2:38b) (Bruner, 1986, p. 50).

Em Samaria, o evangelho havia chegado por meio de Filipe, que anunciou a Cristo e operou sinais, como expulsão de espíritos imundos e curas (cf. At 8:4-8). Contudo, os samaritanos convertidos haviam recebido apenas o batismo nas águas (At 8:16). Quando os apóstolos Pedro e João foram a Samaria, oraram pelos conversos, que receberam o Espírito Santo (At 8:14-17).

A doutrina assembleiana faz uso desse episódio para afirmar que o batismo nas águas não equivale a ser batizado no Espírito Santo. Para os pentecostais assembleianos, o batismo espiritual é algo diferente e subsequente à experiência do batismo nas águas. E, nesse sentido, Bruner (1986, p. 50), explica o seguinte:

Ter sido batizado meramente na água, argumentam os pentecostais a partir desse texto importante em Atos, não é ainda ter sido batizado no Espírito Santo. O batismo espiritual é uma experiência bem diferente do batismo na água, e deve ser procurado pelos cristãos. Atos 8, portanto, é uma das evidências principais do pentecostalismo quanto à necessidade de o cristão avançar além da conversão para a experiência pentecostal, se esse cristão deseja ser espiritualmente completo.

Já Menzies (2016, p. 54) entende que existem dois batismos no Espírito. O primeiro batismo é *soteriológico*, pelo qual o crente é iniciado no corpo de Cristo (cf. 1Co 12:13), enquanto o segundo batismo tem caráter *missiológico*, uma vez que,



ao receber o poder do Espírito Santo, o crente é capacitado para o serviço, a fim de testemunhar (At 1:8). Esse segundo batismo, para o autor, é subsequente e distinto ao batismo de caráter soteriológico, ou nas águas. Soares (2020, p. 15) corrobora afirmando que o batismo no Espírito Santo geralmente é subsequente à salvação, podendo também ser simultâneo à conversão.

A experiência de Paulo, no caminho de Damasco, é compreendida pelos assembleianos como evidência de que o Espírito Santo é recebido depois da conversão ou do batismo nas águas. De acordo com Atos 9:3-9, Paulo (ainda Saulo) teve o primeiro contato com Jesus e dele recebeu ordem para entrar na cidade de Damasco e aguardar até que alguém lhe dissesse “o que te convém saber” (At 9:6). Somente depois de três dias é que Ananias foi enviado por Jesus para falar com Saulo. Nesse período, Saulo ficou sem ver e não comeu nem bebeu, dedicando-se à oração. Quando Ananias impôs as mãos sobre Saulo (At 9:17), ele recuperou a visão e foi batizado — portanto, nas águas e no Espírito.

Em um panfleto institucional, autores pentecostais questionam: “O batismo no Espírito é recebido na ocasião da conversão?”, e respondem: “Não, não é”, dando como uma das razões o argumento de que “o apóstolo Paulo foi convertido no caminho para Damasco (At 9:1-6) e recebeu seu batismo (no Espírito Santo) três dias mais tarde” (Kortkamp, s.d., s.p.). A experiência em Damasco e o fato de que Paulo foi batizado e recebeu o Espírito Santo após sua conversão, bem como ele mesmo confirmar que falava em línguas (1Co 14:18), são fatores que justificam o posicionamento pentecostal acerca da subsequência do batismo com o Espírito Santo.

Em Atos também são registradas mais duas experiências do batismo no Espírito Santo depois do Pentecostes em que ocorre, segundo os pentecostais, a distinção da experiência da conversão. Esse pensamento se baseia no registro do que ocorreu na casa do centurião Cornélio (At 10:44-48) e no contato do apóstolo Paulo com os discípulos em Éfeso (At 19:1-7).

O caso de Cornélio, no entanto, representa um desafio para a visão pentecostal de que o batismo no Espírito Santo ocorre necessariamente após a conversão. Segundo Atos 10, Cornélio, centurião romano, era um homem “piedoso e temente a Deus com toda a sua casa” (At 10:2). O Senhor então instruiu Pedro a falar de Cristo a ele e a toda a sua família. Enquanto Pedro falava, o Espírito Santo desceu



sobre os ouvintes, que passaram a falar em línguas e a engrandecer a Deus (At 10:44-46). Após esse fato, todos eles foram batizados nas águas (At 10:47-48).

De acordo com a “Declaração de Fé das Assembleias de Deus”, o batismo no Espírito Santo é “uma experiência espiritual que ocorre após (subsequente) ou junto à regeneração, sendo acompanhada de evidência física inicial do falar em outras línguas” (Soares, 2017, p. 165).

Entretanto, na experiência de Atos 10, além de não serem batizados nas águas, os que receberam o perdão dos pecados e o Espírito Santo eram gentios, reforçando que Deus perdoa todos os que creem. Por isso, Endruweit (1977, p. 10) reflete que

os pentecostais sustentam o argumento da subsequência do batismo no Espírito Santo na experiência de Cornélio — que foi convertido e batizado com o Espírito Santo e falou em línguas, tudo isso acontecendo praticamente no mesmo tempo (At 10:43-48)

com certa ambiguidade. E explica:

Os pentecostais insistem que a experiência de Cornélio foi ideal e que todos os cristãos podem e deviam receber o batismo do Espírito Santo, na conversão como Cornélio, mas a fé dos cristãos é fraca para receber todas as bênçãos simultaneamente. Mas mesmo no caso ideal, onde a conversão e o batismo no Espírito Santo ocorrem juntos, uma distinção é feita (Endruweit, 1977, p. 10).

A sustentação desse argumento está em que o ideal seria que todos recebessem a salvação e o Espírito Santo simultaneamente. Mas isso só ocorre em casos raros, específicos, como reforça Skibstedt (1932, p. 73): “[...] Que a regeneração antecede o batismo no Espírito Santo deve ser visto como a regra geral; mesmo assim, a possibilidade não é excluída que, em certos casos, ambos possam ocorrer ao mesmo tempo [...] embora isto aconteça raras vezes.”

O mesmo autor acrescenta que a experiência da conversão e a do batismo no Espírito podem ocorrer juntamente, mas que não se pode equiparar as duas experiências. Para ele, “a regeneração é regeneração e o batismo no Espírito é batismo no Espírito, mesmo quando a pessoa experimenta as duas partes ao mesmo tempo. Na regeneração, a vida divina é comunicada, e no batismo no Espírito o poder é acrescentado a esta vida” (Skibstedt, 1932, p. 73).



O caso dos discípulos de Éfeso também serve como base para os pentecostais afirmarem que o Espírito Santo é dado posteriormente à conversão. Apolo, ao pregar em Éfeso, demonstrava um profundo conhecimento das Escrituras e dos ensinamentos de Jesus conforme as instruções de João Batista. No entanto, ao ser instruído por Priscila e Áquila, ampliou sua compreensão e passou a proclamar Jesus com ainda mais fervor (At 18:24-28). Quando o apóstolo Paulo desceu a Éfeso, encontrou diversos discípulos (cerca de 12, conforme At 19:7) que haviam sido, por influência de Apolo, recebido o batismo de João e que nada sabiam a respeito do Espírito Santo (At 19:1-2). Então, Paulo orientou aos discípulos, batizou-os em nome de Jesus (nas águas) e lhes impôs as mãos; eles receberam o Espírito Santo e passaram a falar em línguas e profetizar (At 19:6).

Os pentecostais consideram essa experiência como a base bíblica para a doutrina da subsequência: primeiro, a pessoa deve se tornar discípulo, tornando-se cristã; então, posteriormente, mediante a obediência, recebe a plenitude do Espírito, assim como ocorreu com os doze discípulos encontrados em Éfeso. Para Bruner (1986, p. 53), o pentecostal “tem uma confirmação certa para o que, para ele, já é um fato suficientemente atestado: a experiência crucial com o Espírito não é idêntica à experiência de tornar-se um crente ou discípulo”.

Desse modo, os textos de Atos apresentados anteriormente são considerados os principais argumentos que sustentam a doutrina da subsequência, que admite que o batismo no Espírito Santo é distinto e subsequente à conversão. MacArthur (1992, p. 1) reforça que as únicas passagens que podem ser usadas para apoiar a doutrina da subsequência estão em Atos, haja vista que as epístolas não afirmam nada que fundamente essa ideia.

Da mesma forma, a doutrina da evidência, baseada em passagens de Atos dos Apóstolos, é usada pelos pentecostais assembleianos para sustentar que o batismo com o Espírito Santo é acompanhado por sinais visíveis que confirmam essa experiência no crente. Esse aspecto será abordado no tópico a seguir.

A EVIDÊNCIA NO LIVRO DE ATOS

O pentecostalismo apresenta duas características, segundo Gordon Fee, citado por MacArthur (1992, p. 229): “1. A doutrina da subsequência, ou seja, existe para o crente um batismo ‘no Espírito’ distinto e posterior à experiência da salvação. [...]



2. A doutrina das línguas como evidência física inicial do batismo ‘no Espírito’.” A primeira foi abordada no item 2.1. A segunda será discutida a seguir, considerando também os textos lucanos como fundamentos doutrinários pentecostais, os quais enfatizam a evidência interna (bíblica) de que o batismo com o Espírito Santo é acompanhado por um sinal característico na vida do crente que o recebe: o dom de línguas.

O dom de línguas é mencionado em três livros da Bíblia, a saber: Marcos 16:17, quando Jesus, ao dar o mandato de evangelização, afirma como sinal dos que creem o falar em novas línguas; 1 Coríntios 12 a 14, onde Paulo discorre sobre os dons espirituais, orientando sobre o papel das línguas na igreja e seu uso adequado, destacando que a diversidade de dons (incluindo a diversidade de línguas) serve para a unidade do corpo de Cristo; e Atos 2, 10 e 19, que apresenta narrativas históricas sobre as ações dos discípulos e os episódios em que, ao descer o Espírito Santo sobre os crentes, estes manifestavam sinais de Sua presença, também pelo falar em línguas.

McGee (2017, p. 13) aponta ao fato de que os textos de Marcos 16:9-20 e 1 Coríntios 12–14 são também usados na doutrina pentecostal do falar em línguas, mas é explícito que “o apelo padrão no livro de Atos permanece primordial, fornecendo o modelo apostólico para esse movimento mundial”.

Conforme entendem os pentecostais, o batismo no Espírito é posterior à conversão, está condicionado à busca pessoal do crente e tem como evidência necessária a manifestação do dom de línguas. Esse parecer está na “Declaração de Verdades Fundamentais do Conselho Geral das Assembleias de Deus”, onde é enfatizado que “o batismo de crentes no Espírito Santo é testemunhado pela evidência física inicial do falar em outras línguas conforme a capacitação do Espírito Santo” (McAlister, 2018, p. 1).

Nesse sentido, Stamps (1995, p. 1631, grifo nosso) define o sinal inicial do batismo no Espírito Santo conforme entendem os assembleianos da seguinte forma: “Falar noutras línguas como sinal do batismo no Espírito Santo é uma expressão verbal inspirada, mediante a qual o espírito do crente e o Espírito Santo se unem no louvor e/ou profecia em *uma língua nunca aprendida*.”

O posicionamento assembleiano sobre a evidência inicial do batismo no Espírito Santo destaca a experiência apostólica do falar em línguas como um fato



atual, contínuo e que resulta “em uma nova motivação e em um novo poder espiritual” (MacArthur, 1992, p. 228).

Por isso, o “falar em línguas” como evidência inicial do batismo no Espírito Santo difere do “dom de línguas”, pois este último serve à edificação da igreja e requer interpretação (1Co 14:27), ao passo que o falar em línguas é considerado uma evidência de que o crente recebeu o batismo no Espírito Santo, e essa manifestação não precisa de interpretação, já que se destina à edificação pessoal do crente (Horton, 1997, p. 476).

A experiência do batismo no Espírito Santo é destacada no livro de Atos, especialmente no discurso de Pedro em Pentecostes, quando o apóstolo enfatiza que o recebimento do Espírito Santo é o cumprimento da profecia de Joel 2:28-29 e está disponível a todos que creem (At 2:16-21, 39). Silas Daniel (2020, p. 302) entende que, nesse discurso, o apóstolo Pedro indica o falar em línguas como evidência do batismo no Espírito, acrescentando que essa evidência se destaca “no relato bíblico neotestamentário como manifestação que sinaliza o batismo no Espírito”.

Portanto, completa o autor, “segue-se solidamente que as línguas devem ser consideradas o principal sinal externo da imersão do crente na plenitude da dimensão carismática” (Daniel, 2020, p. 302).

O evento de Pentecostes, descrito em Atos 2 é, assim, considerado como a evidência inicial de falar em outras línguas e, de acordo com Pommerening (2020, p. 22), deve ser considerado como um modelo, talvez o principal, do revestimento de poder de Deus para que o evangelho fosse proclamado e também para a edificação pessoal dos discípulos.

Desse modo, considerando algumas passagens de Atos, os assembleianos compreendem que, em cinco casos, o batismo no Espírito Santo deixou evidente ou implícita a glossolalia. Três desses casos são apresentados em Atos 2:4; 10:46 e 19:6, sendo perceptível a glossolalia como resultado imediato do batismo no Espírito Santo, e em outros dois casos, descritos em Atos 8:14-19 e 9:17-18, o dom de línguas está implícito.

No dia em que o Espírito Santo desceu sobre os 120 discípulos reunidos em Pentecostes, estes falaram em outras línguas, conforme o Espírito concedia que falassem. A passagem de Atos 2:4 tem sido alvo de discussão entre os intérpretes quanto à natureza das línguas: glossolalia (desconhecidas) ou xenolalia (conhecidas),



porém, Menzies (2016, p. 61) afirma que, para a hermenêutica pentecostal, o fenômeno é duplo, isto é, os discípulos falaram em idiomas desconhecidos, mas a multidão que ouvia entendeu a glossolalia dos discípulos milagrosamente, cada um em sua própria língua materna.

O evangelho chegou a Samaria por meio de Felipe, e muitos dos samaritanos que ouviram as pregações se converteram (At 8:5-8). Estes eram batizados nas águas, mas não haviam recebido o batismo no Espírito Santo até a chegada de Pedro e João, os quais, impondo as mãos sobre os crentes de Samaria, sobre eles vinha o Espírito Santo (At 8:14-17). Não há relato bíblico de que os samaritanos, nessa ocasião, falaram em línguas; contudo, Henry (2008, v. 1, p. 84) afirma que, no texto, está implícito que eles falaram em línguas como sinal exterior.

O encontro de Saulo com Jesus, no caminho para Damasco, sua entrada na cidade e o seu encontro com Ananias são relatados num contexto que os assembleianos entendem como sinal implícito do batismo no Espírito Santo com evidência exterior. Após a conversão, Paulo foi visitado por Ananias, o qual recebera a incumbência de orar para que ele recuperasse a visão e recebesse o Espírito Santo (At 9:17-18). Após seu batismo nas águas e no Espírito, Paulo passou a pregar o evangelho, e, embora Lucas não registre que, na experiência do seu batismo, Paulo tenha falado em outras línguas, o próprio apóstolo afirma, em 1 Coríntios 14:18-19, que falava em línguas, e ensina, em 1 Coríntios 12:10-11, sobre a diversidade das línguas. Nessa perspectiva, Arrington e Strondad (2003, p. 675) é categórico em dizer que “certamente sua experiência com o Espírito Santo em Damasco incluiu falar em línguas”.

O relato do que ocorreu na casa de Cornélio, um oficial romano, portanto, gentio, é utilizado como base para os pentecostais declararem a evidência externa do batismo no Espírito Santo. As pessoas que estavam na casa de Cornélio (além de sua família, ele havia chamado parentes e amigos para ouvir a mensagem de Jesus por meio de Pedro) receberam o batismo no Espírito Santo durante a ministração do evangelho pelo apóstolo (At 10:44).

Segundo Menzies e Menzies (2002, p. 158), o dom do Espírito se manifestou externamente nos ouvintes, que falaram em outras línguas e engrandeciam a Deus (At 10:46), o que surpreendeu os companheiros de Pedro, adeptos da circuncisão, que mantinham relutância em que o Espírito Santo pudesse ser dado também aos



gentios. Após essa manifestação, foram então batizados nas águas, em nome de Jesus Cristo.

O grupo de 12 discípulos convertidos pela pregação de Apolo, em Éfeso, mas que ainda não tinham recebido o Espírito Santo (At 19:2), é mais um dos fundamentos bíblicos utilizados pelos pentecostais assembleianos para reforçar o falar em línguas como evidência externa do batismo no Espírito Santo. Em Atos 19:6, Lucas relata que o Espírito Santo veio sobre eles pela imposição de mãos de Paulo e, em consequência, “tanto falavam em línguas como profetizavam”. Acerca desse episódio, Arrington e Strondad (2003, p. 739) reafirmam o pensamento assembleiano ao dizerem que “o batismo com o Espírito é subsequente e distinto da conversão segundo a teologia de Lucas e Paulo”.

Na perspectiva dos fundamentos bíblicos descritos a partir de Atos, Silas Daniel (2020, p. 302) comenta que, em Marcos 16:17, as línguas são apresentadas como um dos sinais que seguiriam os que cressem: “Isso quer dizer que a experiência glossolálica está disponível a todos os salvos em Cristo.”

Atos 2:4 confirmaria esse fato, uma vez que, segundo o relato, “todos foram cheios do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito concedia que falassem”. Portanto, se o Espírito está disponível a todos, e, como consequência, o crente cheio do Espírito começa a falar em línguas em relação direta com a efusão do Espírito, isso significa que os crentes devem esperar falar em línguas quando batizados no Espírito Santo (Daniel, 2020, p. 302).

Essa é também a compreensão a respeito das demais passagens de Atos. A evidência externa do batismo no Espírito Santo, em Atos 10:45-46, dada pelo próprio Espírito, de acordo com Silas Daniel (2020, p. 303), é que “Pedro e os demais irmãos que estavam com ele souberam que ‘o dom do Espírito Santo’ se derramou ‘também sobre os gentios [...] porque os ouviam falar em línguas e magnificar a Deus’”. E a Declaração de Fé das Assembleias de Deus corrobora afirmando:

O derramamento do Espírito veio com um sinal específico, o falar em línguas”. Essa experiência repete-se na vida da Igreja (At 10:46; 19:6). Isso porque a experiência pentecostal não ficou restrita ao dia de Pentecostes; ela acontece no cotidiano da Igreja de Cristo na terra ao longo dos séculos, conforme a promessa divina (At 2:39) (Soares, 2017, p. 167).



Na perspectiva de evidência bíblica dos fundamentos pentecostais acerca do falar em línguas como sinal externo que evidencia o batismo no Espírito Santo, Endruweit (1977, p. 12) apresenta, ainda, dois argumentos: a experiência e a necessidade.

Sobre o argumento da “experiência”, Endruweit (1977) comenta que, para os pentecostais, o Espírito Santo deve ser recebido da mesma maneira como os apóstolos e a igreja primitiva. Os pentecostais perguntam: “Onde iríamos nós para buscar o padrão do verdadeiro batismo no Espírito Santo?” Essa resposta lhes é fornecida pela experiência dos apóstolos, pois falar em línguas é a única experiência que lhes garante que receberam o mesmo Espírito que os apóstolos receberam e que é a própria experiência dos apóstolos.

Sobre o argumento da necessidade, os pentecostais argumentam que o falar em línguas é necessário para atestar o batismo no Espírito, removendo da igreja e dos membros qualquer incerteza ou dúvida quanto à presença do Espírito Santo. Nesse sentido, os pentecostais consideram insuficientes as evidências interiores da certeza espiritual e as evidências externas de uma vida moral, pois acreditam que essas evidências levam tempo para serem desenvolvidas e são difíceis de serem discernidas, por serem subjetivas, ambíguas e incertas. Por isso, “a evidência [do falar em línguas] é o sinal capaz de guiar a igreja e preservá-la do engano” (Endruweit, 1977, p. 12).

Dessa forma, considerando o que foi abordado até então, pode-se acrescentar um resumo das evidências bíblicas utilizadas pelos pentecostais assembleianos como referência ao batismo no Espírito Santo e ao sinal que acompanha os crentes batizados no Espírito:

- 1) A locução impulsionada pelo Espírito é uma das evidências-padrão da efusão do Espírito;
- 2) As línguas são um tipo de locução impulsionada pelo Espírito, logo um tipo de evidência da efusão do Espírito;
- 3) Conforme palavras do próprio apóstolo Pedro (At 2.14-18), as línguas devem ser entendidas como estando compreendidas dentro do *nāba* (profetizar) predito em Joel 2.28,29 como consequência da efusão do Espírito na Nova Aliança;
- 4) As línguas são um meio de graça maravilhoso para edificação pessoal de cada crente;
- 5) A experiência glossolálica deve ser buscada por todos (1Co 14.5a), logo é algo que está disponível a todos os crentes, como, aliás, o próprio Senhor Jesus afirmou (Mc 16.17). Não haveria razão de Paulo



indicar que todos os crentes buscassem algo se este não estivesse acessível a todos eles. E pelas palavras de Jesus registradas em Marcos, o falar em línguas está acessível a todos os crentes tanto quanto, por exemplo, o exorcismo e a cura divina estão. (Daniel, 2020, p. 301).

Tendo apresentado as evidências internas do batismo no Espírito Santo e do falar em línguas, apresentamos a seguir as evidências externas, segundo a compreensão dos pentecostais assembleianos.

EVIDÊNCIAS EXTERNAS DO ENCHIMENTO DO ESPÍRITO NOS REGISTROS HISTÓRICOS SEGUNDO OS ASSEMBLEIANOS

Os pentecostais assembleianos recorrem a registros históricos para defender as doutrinas da subsequência e da evidência das línguas como sinal do batismo do Espírito Santo. Segundo eles, há evidências dessas ocorrências nos primeiros cristãos, chamados de Pais da Igreja, e nos ideais cristãos que formaram as bases doutrinárias do cristianismo, bem como essas evidências persistirem nos movimentos que culminaram no pentecostalismo.

McGee (2017) aponta para as evidências do batismo no Espírito Santo em diversos patriarcas cristãos, citando uma lista de nomes elaborada por Stanley M. Burgess, que demonstra o pensamento de alguns desses pais acerca da temática estudada.

Em relação aos Pais do Ocidente, Burgess (*apud* McGee, 2017, p. 22) cita Tertuliano (160-220 d.C.) como “o primeiro a identificar um rito separado do batismo que marcava o recebimento do Espírito Santo”. Hipólito de Roma (170-235 d.C.) considerava que o Espírito Santo é quem capacitava a igreja para o serviço do Reino. Cipriano de Catargo (200-258 d.C.) e Hilário de Poitiers (315-368 d.C.) distinguiam a ordenança do batismo nas águas e o subsequente batismo no Espírito. Ambrósio de Milão (340-397 d.C.) declarou que o Espírito produz vida de abundante santidade. Agostinho de Hipona (354-430 d.C.) aceitava o batismo no Espírito, mas rejeitava o conceito das línguas como o sinal do recebimento do Espírito.

Nos países do Oriente, conforme as listas de Burgess (*apud* McGee, 2017, p. 24), destacam-se Cirilo de Jerusalém (313-386 d.C.) e Basílio de Capadócia (330-379 d.C.). Eles ensinavam que não havia diferença entre batismo nas águas e batismo no Espírito e, portanto, não havia uma graça subsequente. Gregório de Nazianzo (330-



389 d.C.) entendia que havia diferença entre o batismo com água e o batismo no Espírito. Esses registros mostram que os primeiros cristãos que refletiram teologicamente sobre o Espírito Santo escreveram pouco sobre evidências externas do seu enchimento, e Agostinho chegou a rejeitar a ideia da necessidade de um sinal visível.

Mais tarde, alguns estudiosos bíblicos, como, por exemplo, Simão, o Novo Teólogo (949-1022 d.C.), o qual ensinava que havia a necessidade de um segundo batismo, que seria o batismo no Espírito Santo. Porém surgiram objeções a esse ensino, prevalecendo a postura agostiniana, que perdurou por séculos na história da igreja. Após o século 16, com a Reforma Protestante, surgiram vários movimentos que tinham por finalidade restaurar, de modo pleno, a obra do Espírito Santo na vida do crente (Burgess *apud* McGee, 2017).

Na Europa, especificamente na Alemanha e na Grã-Bretanha e a partir do século 17, surgiram movimentos religiosos cujos ideais doutrinários tinham como pano de fundo os estudos sobre o enchimento do Espírito na vida dos cristãos modernos, destacando a doutrina do batismo no Espírito entre outras doutrinas e enfatizando a experiência individual. Destacam-se, assim, quatro movimentos europeus que influenciaram a doutrina da subsequência e da evidência do batismo no Espírito Santo na compreensão dos pentecostais assembleianos: pietismo, puritanismo, metodismo e irvingitas.

O pietismo teve início na Alemanha, nos séculos 17 e 18. Esse movimento manifestava oposição ao formalismo no culto e condenava a falta de crença na iluminação do Espírito Santo. Segundo Baptista (2017, p. 20), os pietistas “ensinavam que o cristianismo requeria uma genuína transformação do homem interior e não apenas a observância dos sacramentos”. Philipp Jakob Spener (1635-1705), pastor luterano, é considerado o patriarca do pietismo em razão da publicação da obra *Pia Desideria* (Desejos Piedosos), do qual se originou o termo “pietistas”. O marco do pietismo foi a preocupação com a conversão, não apenas com o batismo, destacando um cristianismo de experiência, tolerante e visível, pelo qual o crente passa por uma “experiência religiosa pessoal, especialmente o arrependimento [...] e a santificação” (Baptista, 2017, 23).

O puritanismo surgiu na Igreja Anglicana, no século 18, tendo como seu maior representante Jonathan Edwards (1730-1758). O movimento puritano ensinava que o



culto deveria ser simples, sem pompa, espiritual e com primazia da Palavra de Deus. De acordo com Klein (2004, p. 90), “a espiritualidade puritana, no tocante à dimensão eclesial, primava pela simplicidade do culto, centrado nas leituras bíblicas e em extensos sermões, geralmente de caráter moralista e/ou didático”. O movimento não se aplicou à restauração dos dons miraculosos e, após o despertar das décadas de 1730 e 1740, se desvaneceu.

Enquanto o puritanismo diminuía sua influência, surgiu outro movimento, o metodismo. Influenciado pelo pietismo, John Wesley (1703-1791) buscou um novo reavivamento na Inglaterra, ensinando a existência de uma segunda graça, chamada de santificação plena. Baptista (2017, p. 26) comenta que a teologia arminiana de Wesley era semelhante à dos pietistas alemães e “ele pregava a conversão e enfatizava a necessidade da experiência e de uma vida santificada”. Wesley reconheceu que o dom de línguas era testemunhado frequentemente em seu tempo e que esse sinal já existia em outros séculos pós-apostólicos (Burgess *apud* McGee, 2017, p. 57). Araújo (2007, p. 587) acrescenta que John Fletcher (1729-1785), um importante teólogo metodista, usou pela primeira vez a expressão “batismo no Espírito Santo” para descrever a santificação plena pregada por Wesley.

Na Escócia, surgiu o movimento conhecido como os irvingitas, em razão de que, a partir de 1830, o escocês Edward Irving (1792-1834) se sentiu despertado a restaurar os dons espirituais na igreja escocesa e, para isso, percorreu a Escócia pregando a necessidade do derramamento do Espírito Santo. Em consequência à sua pregação, muitos foram batizados e falaram noutras línguas, e Irving relacionou a glossolalia como “sinal permanente” da presença do Espírito. Segundo Dorries (*apud* McGee, 2017, p. 73), Irving “claramente ensinou que o recebimento por parte do crente do batismo do Espírito foi evidenciado ou confirmado pela manifestação de línguas desconhecidas”.

Os movimentos religiosos iniciados na Europa, especificamente o pietismo e o metodismo, tiveram impacto no restante do mundo, especialmente a partir da América do Norte. Conforme Baptista (2017, p. 55), nos séculos 19 e 20 as doutrinas pietistas e metodistas chegaram aos Estados Unidos e originaram o *Holiness Movement* (Movimento de Santidade), o qual é considerado o berço do pentecostalismo nos Estados Unidos, do qual surgiram os movimentos pentecostais



contemporâneos. Os pregadores do movimento de santidade enfatizavam a consagração, os dons espirituais e o controle da vida do crente pelo Espírito Santo.

O Movimento de Santidade impulsionou o pentecostalismo norte-americano na década de 1860 e, a partir da década de 1880, passou a destacar a cura divina. Em 1895, Benjamin Irwin passou a ensinar sobre a terceira obra da graça, chamada “o fogo”, e fundou a Associação da Santidade Batizada com Fogo. Em 1907, o movimento aderiu ao ensino das “línguas como evidência inicial” do batismo no Espírito Santo (Araújo, 2007, p. 394).

Derivado do Movimento de Santidade, no início do século 20 surgiu o Movimento da Fé Apostólica, a partir das atividades desenvolvidas por Charles Parham (1873-1929). Parham fundou, em Topeka, Kansas, o *Bethel Bible College* (Colégio Bíblico Bethel) onde ensinava as doutrinas bíblicas de santidade, enfatizando o batismo no Espírito Santo. Nessa instituição, em 31 de dezembro de 1900, a estudante Agnes Ozman foi batizada no Espírito Santo e falou em línguas desconhecidas. Na sequência, metade dos alunos, inclusive Parham, receberam o batismo nas mesmas condições. O movimento se expandiu a partir de então, incluindo na mensagem principal a santidade, cura divina, dons espirituais e a segunda vinda de Cristo. Mas, de acordo com Horton (1997, p. 17), a principal doutrina defendida por Parham foi que *falar noutras línguas* representa a evidência bíblica do batismo no Espírito Santo.

Os ensinamentos de Parham resultaram em outro movimento, que ficou conhecido como o Avivamento da Rua Azusa. O principal líder desse avivamento foi Joseph Willian Seymour (1870-1922), um discípulo de Parham que, após ter recebido o batismo no Espírito Santo com a evidência do falar em línguas, passou a pregar a mensagem pentecostal, a partir de 1906, em um salão alugado na Rua Azusa (Los Angeles). O movimento iniciado por Seymour ficou conhecido como “Missão da Fé Apostólica” e, de Los Angeles, se alastrou para o mundo. Araújo (2007, p. 780) afirma que Seymour ajustou seu sistema teológico da santidade wesleyana ao ensino de Parham sobre o batismo no Espírito Santo, incluindo a evidência bíblica do falar em outras línguas, embora não considerasse esse o único sinal exterior que evidencia o batismo no Espírito.

Antes do Avivamento da Rua Azusa, ocorreu um grande avivamento pentecostal, em fevereiro de 1906, o qual se iniciou na Segunda Igreja Batista Sueca



de Chicago, e ficou conhecido como o “movimento novo”. Segundo Araújo (2007, p. 21), durante o pastorado de J. W. Hjertstrom, os crentes batistas suecos foram batizados no Espírito Santo com a evidência inicial do falar em outras línguas, fenômeno que ocorreu dois meses antes do avivamento da Rua Azusa, que teve início em 9 de abril de 1906. O avivamento batista sueco em Chicago precedeu, portanto, os pentecostais de Los Angeles. Desse avivamento sueco vieram os pioneiros das Assembleias de Deus no Brasil.

A partir da igreja sueca de Chicago, chegaram ao Brasil, em 19 de novembro de 1910, os missionários Gunnar Vingren (1879-1933) e Daniel Berg (1885-1963), os quais traziam consigo a mensagem pentecostal. Os dois se fixaram em Belém do Pará, em 1911, na Igreja Batista, mas sua mensagem causou uma divisão na igreja, o que levou os missionários a estabelecerem uma nova denominação, inicialmente chamada de Missão de Fé Apostólica e, mais tarde, de Assembleia de Deus (Matos, 2006, p. 41-42).

Ao chegarem na Igreja Batista de Belém do Pará e iniciarem suas pregações, cerca de seis meses depois, em 9 de junho de 1911, Celina Albuquerque recebeu o batismo no Espírito Santo e passou a falar em outras línguas. Esse foi o principal fato que levou à divisão doutrinária na igreja e ao desligamento daqueles que aderiram ao movimento pentecostal pregado por Vingren e Berg. Em decorrência, 18 pessoas e os dois missionários foram removidos da congregação, em 13 de junho de 1911 (Vingren, 2000, p. 42).

Conforme reportagem veiculada no *Diário do Pioneiro*, em todos os cultos se “falava sobre o batismo com o Espírito Santo e do *falar em línguas* como sinal de haver recebido a promessa” (Vingren, 2000, p. 100).

AS CONSEQUÊNCIAS PRÁTICAS DO BATISMO NO ESPÍRITO SANTO

Para os pentecostais, o batismo no Espírito Santo traz algumas consequências para o crente e para a igreja. Essas consequências foram percebidas nos primeiros cristãos e acompanham o crente moderno que recebe a graça de ser batizado no Espírito.

De acordo com Pommerening (2020, p. 23-24), as principais consequências práticas que acompanharam o batismo no Espírito Santo com relação aos discípulos são:



[...] a profunda alegria demonstrada na expressão verbal; a descoberta da necessidade da oração perseverante; o entusiasmo para missões; ousadia na proclamação do evangelho; coragem para se tornarem mártires; um descortinar de uma interpretação e compreensão abrangentes das Escrituras, demonstrado no sermão de Pedro feito em seguida; instalação de uma comunidade fraterna em que todos compartilhavam o que tinham (At 2:45-46); a compreensão de que agora o acesso a Deus não era mais exclusividade do escolhido povo judeu, pois todos os idiomas foram incluídos na fala dos apóstolos, todas as raças, ricos e pobres, escravos e livres, jovens e velhos; simplicidade no modo de vida (At 2:46); crescimento exponencial qualitativo e orgânico da igreja (At 2:47); e, obviamente, a capacidade de falar em outras línguas.

Tendo em vista essas consequências na vida dos discípulos, o batismo no Espírito Santo implica em que os que o recebem passam a viver em novidade de vida. E, como descreve Paulo em 1 Coríntios 14:4, os crentes batizados no Espírito vivenciam a prática do amor, da comunhão e do testemunho, tornando-se aptos a pregar sobre o Reino de Deus.

Nesse sentido, Pommerening (2020, p. 24) destaca que a maioria das implicações práticas da descida do Espírito Santo pode ser resumida no exercício do amor, destacando as seguintes dimensões:

para com Deus, através da obediência ao “ide”, da comunhão com Ele, da oração e da súplica (esta também na relação aos irmãos e os incrédulos); no amor para com os irmãos, através da partilha, da comunhão cristã e da intercessão; no evangelismo e nas missões estrangeiras; para com os diferentes (*hétero* em grego) ou estrangeiros, na possibilidade real deles também receberem o Espírito Santo e seus dons; no amor para com os irmãos, através dos dons espirituais e inclusive o dom de línguas com interpretação para a edificação mútua; e no amor próprio através da auto edificação pelo exercício das “outras línguas” (1Co 14.4).

Dessa maneira, os pentecostais entendem que a experiência do batismo no Espírito, evidenciada pelas línguas, leva-os a buscar um progresso espiritual, como destaca o historiador Vinson Synan em seu estudo sobre o falar em línguas nas igrejas (Palma, 2002, p. 77).

Nesse sentido, Queiroz corrobora com Synon sobre o progresso espiritual trazido pela experiência do falar em línguas. Ele afirma:



O verdadeiro falar em línguas estranhas é uma experiência atualmente possível e perceptível na igreja, devendo ser incentivada e buscada como um reforço espiritual importantíssimo em nossa caminhada. Também em uma vida de batalha espiritual (Ef 6.12,13) não nos é dado desprezar as gloriosas manifestações do Espírito Santo, como se dá no fluir das línguas estranhas. Para elas não há bloqueio espiritual que resista (Queiroz, 2020, p. 45).

Outra consequência prática do falar em línguas como evidência do batismo no Espírito Santo, segundo os pentecostais assembleianos, é o fenomenal crescimento do movimento em todas as partes do mundo, inclusive no Brasil. De acordo com Endruweit (1977, p. 9), para os pentecostais, o sucesso alcançado no Brasil se deve à ênfase dada pela igreja no “batismo no Espírito Santo evidenciado sobrenaturalmente”.

Em seu estudo, Synan (1994, p. 71) afirma que “as igrejas pentecostais que se apegaram a esse ensino [das línguas como evidência inicial] superaram todas as outras no crescimento da igreja e no êxito missionário no período, desde a Segunda Guerra Mundial”. O autor exemplifica a questão com informações sobre o crescimento da Assembleia de Deus em relação a outras igrejas de mesma formação identitária inicial.

De acordo com o levantamento de Synan, enquanto a Assembleia de Deus afirmou as línguas como evidência e explodiu em crescimento, a Aliança Cristã Missionária, da mesma época, preferiu não enfatizar as línguas e teve um crescimento bem menor. Em 1992, a Aliança Cristã Missionária tinha 1,9 milhão de seguidores no mundo, sendo 265 mil nos Estados Unidos; já a Assembleia de Deus tinha no mesmo período mais de 25 milhões no mundo, sendo 2,2 milhões só nos Estados Unidos (Synan, 1994, p. 81). A Assembleia de Deus veio a se tornar a maior denominação pentecostal e evangélica do Brasil e uma das maiores do mundo (Matos, 2006, p. 41). Atualmente, estima-se em mais de 70 milhões o número de assembleianos no mundo.

Ainda segundo Synan (1994, p. 81) e Menzies (2019, p. 34), outras igrejas que adotaram a evidência do falar em línguas também tiveram crescimento maior. Em 1908, um grupo de pentecostais se separou nos Estados Unidos justamente por causa das línguas — parte do grupo aceitava as línguas como evidência do batismo no Espírito e a outra parte não, embora cressem na contemporaneidade dos dons espirituais. O primeiro grupo formou a Igreja de Deus em Cristo, e o segundo, a Igreja



de Cristo. Quando essas igrejas surgiram, eram praticamente do mesmo tamanho. Mais de 80 anos depois, em 1990, a Igreja de Deus em Cristo, que aceitava as línguas como evidência, tinha 3,7 milhões de membro, enquanto a Igreja de Deus, que não aceitou as línguas como evidência, tinha 15 mil membros.

Portanto, o foco no ensino das línguas como evidência inicial tem desempenhado um papel importante na história das igrejas pentecostais. A experiência pentecostal, baseada no batismo no Espírito Santo e na evidência do falar em línguas, tornou o movimento um dos maiores entre os cristãos desde a Reforma. Synan (1994, p. 81) comenta que, sem o ensino da evidência inicial, o movimento pentecostal não teria obtido tal êxito. Esse ensinamento levou milhões de cristãos a terem experiências que resultaram na explosão de outros carismas na vida dos crentes cheios do Espírito Santo. E o resultado mais acentuado se percebe no crescimento da evangelização mundial derivado das manifestações carismáticas de sinais e maravilhas em muitas nações do mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das doutrinas da subsequência e da evidência inicial do batismo no Espírito Santo demonstra sua centralidade na teologia e na identidade do movimento pentecostal assembleiano. Fundamentadas nas narrativas do livro de Atos, essas doutrinas foram historicamente interpretadas como elementos essenciais para aquela experiência denominacional, moldando tanto a prática litúrgica quanto a expansão missionária da tradição assembleiana.

O estudo mostrou que, para os assembleianos, a subsequência do batismo no Espírito Santo em relação à conversão é um princípio teológico sustentado pela experiência dos primeiros cristãos, conforme relatado nos textos lucanos. Da mesma forma, a evidência inicial do falar em línguas tem sido compreendida como um sinal tangível e inconfundível dessa experiência espiritual, desempenhando um papel crucial na formação da identidade pentecostal e na validação subjetiva da recepção do Espírito Santo.

Além do embasamento bíblico, a investigação ressaltou os desdobramentos históricos dessas doutrinas e sua continuidade em movimentos religiosos que influenciaram o pentecostalismo moderno. A recepção e a interpretação dessas crenças contribuíram para a consolidação da Assembleia de Deus como uma das



maiores expressões do cristianismo evangélico, tanto no Brasil quanto no mundo, reforçando a ênfase em uma espiritualidade experiencial e na capacitação para o serviço cristão.

No entanto, embora as doutrinas da subsequência e da evidência inicial sejam amplamente aceitas no meio assembleiano, elas continuam a ser objeto de debate teológico, especialmente no que tange à sua fundamentação exegética e às diferentes abordagens hermenêuticas aplicadas aos textos bíblicos. Diante disso, estudos futuros, em diálogo com os já existentes, podem aprofundar a relação entre essas doutrinas e o desenvolvimento da pneumatologia pentecostal contemporânea, explorando novas perspectivas teológicas e pastorais sobre as doutrinas aqui bibliograficamente expostas.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, I. **Dicionário do movimento pentecostal**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2007.

ARRINGTON, F. L.; STRONDAD, R. **Comentário bíblico pentecostal do Novo Testamento**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2003.

BAPTISTA, D. R. A. **História das Assembleias de Deus: o grande movimento pentecostal**. Curitiba: Intersaberes, 2017.

BRUNER, F. D. **Teologia do Espírito Santo**. São Paulo: Vida Nova, 1986.

DANIEL, S. **O batismo no Espírito e as línguas como sua evidência**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2020.

ENDRUEIT, W. H. **Movimento carismático: um estudo exegético e teológico de suas principais características**. São Paulo: Instituto Adventista de Ensino, 1977.

GONÇALVES, C. Pentecostalismo e calvinismo: alguma relação possível? **Teologia Brasileira**, n. 44, 2018. Disponível em: <https://teologiabrasileira.com.br/pentecostalismo-e-calvinismo-alguma-relacao-possivel>. Acesso em: 28 fev. 2021.

HENRY, M. **Comentário bíblico do Novo Testamento**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2008. v. 1.

HORTON, S. M. (Ed.). **Teologia sistemática: uma perspectiva pentecostal**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 1997.

KLEIN, C. J. A espiritualidade protestante norte-americana na perspectiva de Paul Tillich. **Revista Eletrônica Correlatio**, n. 6, p. 85-103, 2004.



KORTKAMP, A. W. What the Bible says about the baptism of the Spirit. **Panfleto n. 4285**. Springfield, MO: Gospel Publishing House, s.d.

MACARTHUR, J. **O caos carismático**. São José dos Campos: Fiel, 1992.

MACDONAL, G. W. **Systematic theology**. Nova York: Gospel Publishing House, 1964.

MATOS, A. S. O movimento pentecostal: reflexões a propósito do seu primeiro centenário. **Fides reformata**, v. 11, n. 2, p. 23-50, 2006.

MCALISTER, J. A doutrina divisiva e unitiva do batismo no Espírito Santo. **Teologia brasileira**, n. 57, 2018. Disponível em: <https://teologiabrasileira.com.br/a-doutrina-divisiva-e-unitiva-do-batismo-no-espírito-santo>. Acesso em: 28 fev. 2021.

MCGEE, G. (Ed.). **Evidência inicial: perspectivas históricas e bíblicas sobre a doutrina pentecostal do batismo no Espírito**. Natal: Carisma, 2017.

MENZIES, R.; MENZIES, W. **No poder do Espírito: fundamentos da experiência pentecostal**. São Paulo: Vida, 2002.

MENZIES, R. **Pentecostes: essa história é a nossa história**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2016.

MENZIES, R. **Glossolalia: Jesus e a igreja apostólica como modelos sobre o dom de línguas**. Natal: Carisma 2019.

PALMA, A. D. **O batismo no Espírito Santo e com fogo**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2002.

POMMERENING, C. I. Glossolalia e xenolalia: uma análise bíblica e conceitual. **Obreiro aprovado**, v. 44, n. 91, p. 22-30, 2020.

QUEIROZ, S. O dom de variedade de línguas. **Obreiro aprovado**, v. 44, n. 91, p. 40-46, 2020.

SKIBSTEDT, G. **Pentecost**. Springfield, MO: Gospel Publishing House, 1932.

SOARES, E. (Org.). **Declaração de fé das Assembleias de Deus**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2017.

SOARES, E. A natureza das línguas. **Obreiro aprovado**, v. 44, p. 91, p. 12-20, 2020.

STAMPS, D. (Ed.). **Bíblia de estudo pentecostal**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 1995.

SYNAN, V. The role of tongue as initial evidence. In: WILSON, M. W. (Ed.). **Spirit and renewal: essays in honor of J. Rodman Williams**. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1994. p. 67-82. (Journal of Pentecostal Theological Supplement Series, v. 5).



As doutrinas da subsequência e da evidência do batismo no Espírito Santo no movimento pentecostal assembleiano: proposta de uma revisão de literatura

VINGREN, I. **Diário do pioneiro**: Gunnar Vingren. 5. ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2000.